
RESENHAS

O PROFESSOR E A PESQUISA

Menga Lüdke (coord.), Cleonice Puggian, Filipe Ceppas, Rita Laura Cavalcante, Suzana Lanna B. Coelho.
Campinas: Papirus, 2001, 112p.

O título do livro mostra uma posição cautelosa em relação ao tema. As autoras optaram por um título que deixa espaço à diferenciação entre práticas de pesquisa e práticas de ensino – O professor e a pesquisa –, abrindo com isso uma reflexão sobre os espaços de intersecção e não supondo uma superposição arbitrária das duas modalidades de prática. Isto nos parece muito positivo diante de posições que associam ensino e pesquisa como elementos de mesma natureza, reduzindo um ao outro, passando por cima de especificidades e condições de realização que são muito díspares. Onde e em que condições esse encontro pode se dar e produzir frutos concretos interessantes para professores e alunos no âmbito da educação básica?

Trata-se, neste livro, de discutir a relação entre a formação ou o exercício da docência na *educação básica* e a idéia, difundida em certos meios, de que o exercício da pesquisa pelo professor/futuro professor pode ser fator importante para a qualidade das suas práticas. Fruto de um estudo realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, a equipe de pesquisa norteou-se pela busca da compreensão sobre a possibilidade de articular pesquisa e prática no trabalho e na formação de professores, guiando-se por perguntas que a idéia de professor pesquisador suscita, especialmente quando se trata do exercício docente na educação fundamental e média.

Já para o ensino superior esta discussão não é pacífica, tornando-se mais complexa do

que quando feita para o âmbito da educação fundamental. Baseando-se em problemas levantados por vários autores brasileiros que têm abordado esse assunto, toma-se como espaço de investigação o campo de trabalho desses professores, procurando lançar luz sobre como esses profissionais vêem sua relação com a pesquisa. Quatro foram as instituições participantes da investigação, a qual se iniciou com contactos com gestores e coleta de informações diversas e, especificamente, sobre atividades de pesquisa que professores realizavam, com o que se definiram critérios para realizar entrevistas com os docentes que a instituição considerou que faziam pesquisas. Ao todo foram feitas setenta entrevistas. Os pontos abordados referem-se ao tipo de pesquisa feito, concepções de pesquisa, formação para a pesquisa, apoios formativos ao trabalho de investigação, apoios específicos e estímulos, entre outros. As análises conduziram à constatação de que os trabalhos realizados pelos professores pesquisadores mostram: elasticidade em relação ao conceito de pesquisa, acomodando uma boa variedade de atividades; ambigüidades na relação ensino-pesquisa; que a formação do professor para o exercício da pesquisa tem precariedades visíveis, sendo que a formação continuada para a pesquisa, ao longo do trabalho docente, não se apresenta com papel bem delineado; que o trabalho em grupo para o desenvolvimento de pesquisa na escola é realmente raro, ainda que se declare interesse por essa forma de trabalhar. Verificou-se também que nas escolas estudadas há condições razoáveis para que os professores pesquisem, o que não ocorre nas escolas da rede comum, com o que se “poderia esperar melhor aproveitamento dessas condições favoráveis para o desenvolvimento de pesquisas” (p.95) nas escolas estudadas.

Ponto-chave em todo o trabalho é a questão do que se entende por professor pesquisador e por pesquisa. O grande mérito do texto está em discutir esses conceitos sob diferentes ângulos mostrando perspectivas variadas, problemas e impasses que surgem, quer nas discussões presentes na bibliografia, quer na prática cotidiana das escolas. Os limites são vários e estão incrustados nas expectativas de papel dos professores da educação básica e na estrutura de gestão e de currículo. As limitações são muitas, indo das dificuldades de apoio real e compreensivo de instituições universitárias e de pesquisadores mais experientes à incorporação pelos professores, em seu dia-a-dia, de uma atitude de investigação quanto ao seu trabalho, à possibilidade de acesso a informações, aos estímulos a uma reflexão constante sobre a escola, os alunos, o currículo, o conhecimento disciplinar etc.

Assinalamos três contribuições importantes deste texto. A primeira, é a análise articulada das discussões sobre o conceito de *reflective practitioner* em suas relações com a questão da prática orientada pela pesquisa, fazendo laços com o debate sobre os saberes docentes e a relação teoria-prática, o que conduz a um olhar instigante sobre a produção de conhecimentos pelo professor de educação básica. A segunda, é a análise sobre a importância da pesquisa para o trabalho docente, e mostra que é difícil encontrar trabalhos acadêmicos que enfrentem de fato a questão da propriedade do conceito de pesquisa, tal como admitido nos meios acadêmicos, quando se

visa discutir a problemática da atividade de pesquisa realizada por professores de educação básica. Conclui: "...ao se visualizar o que de fato fazem os professores sob essa denominação, fica patente a insuficiência do conceito corrente para dar conta de modo satisfatório de uma tal variedade de manifestações, muitas delas não atingindo sequer critérios mínimos comumente por ela requeridos" (p.99). A terceira, refere-se à necessidade de sinalizações que propiciem caminhos para o clareamento dessa situação com base nas contribuições de Pedro Demo (1994), Jacques Beillerot (1991) e Martyn Hammersley (1993).

O assunto não é simples pois se trata das formas de construção de conhecimentos, o que abrange uma gama enorme de possibilidades. Há sempre dúvidas conceituais e semânticas ao se falar em "professor refletindo sobre suas ações" ou em "professor pesquisador". Agregam-se a estas dúvidas as condições para a prática da pesquisa nas escolas, pelos professores, tais como a cultura da própria escola, os tempos didáticos, os apoios necessários (humanos, intelectuais, financeiros e materiais), as relações com instituições produtoras de pesquisa e com as administrações escolares, as relações com associações científicas e de classe, os contratos de trabalho. O texto arrisca-se nesse emaranhado trazendo um pouco de luz para o trato do tema.

Bernardete A. Gatti
Fundação Carlos Chagas e PUC/SP
gatti@fcc.org.br